

Projeto Gráfico do Livro Didático para Comunidades Específicas

Ricardo Artur Pereira de Carvalho
PUC-Rio

Resumo

O artigo discute o processo de produção do livro didático e o papel do designer e outros profissionais envolvidos na construção deste objeto. Na análise, o processo de produção é comparado ao modelo comunicacional unilateral, na relação emissor-receptor. Como alternativa, o autor apresenta o caso exemplar da construção de um Álbum para a prevenção de DST/Aids nas aldeias guaranis do estado do Rio de Janeiro. A partir do caso, o autor discute uma reformulação do modelo de produção diante de uma perspectiva dialógica e que contemple os diversos mediadores da leitura.

Palavras-chave: design gráfico, livro didático, processo de comunicação.

LIVRO DIDÁTICO: RELAÇÃO EMISSORES E RECEPTORES

Antes que o livro didático possa chegar às mãos de professores e alunos, ele passa por uma complexa cadeia de relações que engloba uma série de agentes responsáveis pela produção e circulação deste produto. Dos escritores aos leitores, há muitos profissionais envolvidos sem os quais seria impossível pensar a existência do livro didático enquanto produto concreto. Entre os diversos profissionais envolvidos na cadeia produtiva do livro didático situa-se o designer.

O papel do designer de livros é projetar a forma do livro considerando seu processo produtivo, e desta maneira o designer estabelece os parâmetros que definem a materialidade e visualidade do livro. As escolhas realizadas pelo designer regulam as dimensões do livro, as famílias tipográficas, o papel, a área de texto, as margens, o tamanho dos caracteres, a entrelinha, o uso de imagens, enfim todos os elementos que definem a aparência do livro.

Richard Hendel (2006) situa o designer entre o autor e o leitor. Hendel entende que não é apenas o autor que define o livro, mas também sua forma física é definida pelo designer. Assim, Hendel compreende que o trabalho do designer causa algum

efeito sobre o leitor e por isso defende que a função do designer de livros é tornar a comunicação entre autor e leitor a mais clara possível.

Compreendemos pelo discurso de Hendel que o designer atua como um mediador entre aquele que escreve e aquele que lê. A mediação exercida pelo designer, vale dizer, não deve ter sua importância minimizada, uma vez que as escolhas do designer podem contribuir diretamente para a rejeição ou aceitação do material: uma criança que só aprendeu a ler em letra de fôrma experimentará dificuldades ao se confrontar com uma tipografia de jornal. Entretanto, devemos nos perguntar se a prática dos designers está realmente alinhada ao discurso de que estão a serviço do leitor. Para isso, cabe antes perguntar que entendimento se tem de leitor? Como esse leitor pode influenciar o trabalho do designer?

É precisamente sobre esses aspectos que apresento parte do estudo que resultou em minha dissertação de mestrado, concluída em 2007, intitulada *Livro de Guarani feito por Juruá* (Carvalho, 2007). Na dissertação observo que aquilo que temos como um discurso constituído sobre o design de livros não está refletido na prática, pois o entendimento que se tem de leitor não é fruto de uma observação sobre as práticas de leitura, mas um entendimento de leitor imaginado pelo designer, que toma a si mesmo como parâmetro. Muitos designers assumem essa postura por partirem do princípio de que a percepção visual é universal e que segue os princípios de organização da forma revelados pela Teoria da Gestalt.¹

Embora seja muito comum em outras disciplinas tratar da pluralidade de leituras, poucos são aqueles que abordam essa questão dentro do âmbito do Design. Nesse quesito, quando se fala de leitura na área de design de livros, parte-se do pressuposto de que há uma forma de leitura apenas. Tal pressuposto ignora as peculiaridades e características que constituirão grupos específicos de leitores, tornando-se o problema sob foco deste trabalho.

Considerando a maneira como geralmente se dá o processo de produção do livro didático, podemos traçar um paralelo entre este percurso linear e o esquema de comunicação clássico, que pressupõe um emissor que codifica a mensagem e o receptor que a decodifica:

Modelo de produção: emissor ... receptor

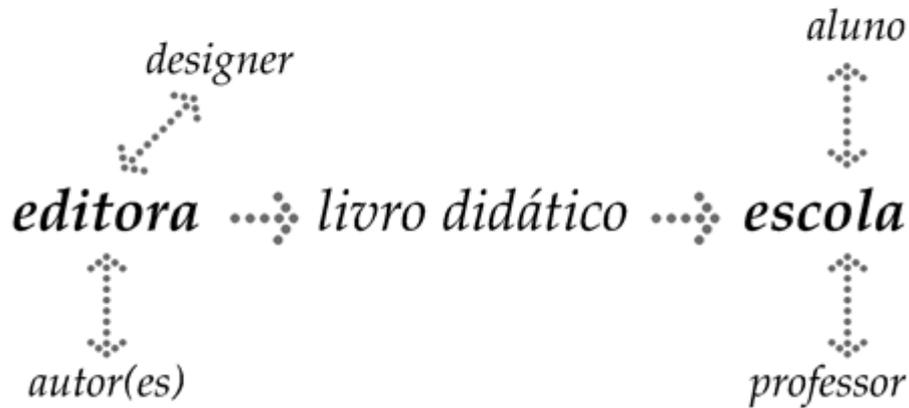


Gráfico 1 - Esquema de produção do livro didático

Neste esquema identificamos as interações entre os agentes emissores, centralizada pela editora, e as interações entre os agentes receptores, centralizada pela escola. A maneira como se estrutura o processo tradicional de produção de livros pressupõe a interlocução apenas nas extremidades. Designers e autores (escritores e ilustradores) dialogam com o editor, enquanto na outra extremidade, alunos e professores dialogam através da mediação da instituição escolar e seus representantes. Portanto, verificamos que o livro didático segue uma via de mão única, da emissão/produção para a recepção/consumo, sem que qualquer diálogo entre as extremidades seja possível.

Embora o próprio modelo comunicacional apresentado já tenha sido revisto, e até mesmo superado, notamos que as formas de produção do livro pouco se modificaram. Apesar das diretrizes estabelecidas pelo Programa Nacional do Livro Didático, que altera este modelo, observamos que a interlocução ainda é pouco favorecida.

Modelo de produção: emissor ... receptor



Gráfico 2 - Esquema de produção considerando a avaliação do livro didático

Mesmo com a implementação do sistema de avaliação do livro didático, através do PNLD, e com o acesso das editoras a esta avaliação, o que se percebe neste esquema é a criação de outro canal de mão única que impõe à editora as modificações necessárias para próximos projetos. Apesar do retorno dos emissores, o esquema permanece com uma forma de comunicação linear. Neste esquema, os agentes produtivos ainda não possuem interlocução com os agentes consumidores, a relação entre eles é a de imposição, do livro didático pelos produtores, e da respectiva avaliação pelos consumidores.

Embora seja importante destacar que este modelo não corresponde à totalidade das práticas editoriais existente no mercado de livros, ele ainda reflete uma maioria significativa das grandes editoras, que por sua vez dominam o setor de livros didáticos e assumem uma lógica produtiva que tende à massificação do livro enquanto produto. Porém, se escaparmos desta lógica massificada, seria possível produzir livros didáticos através de um processo de produção dialógico?

Para ilustrar esta possibilidade, apresento como caso exemplar a concepção do Álbum Seriado intitulado *Caminho das tradições, prevenção de DST/Aids nas aldeias Guarani M'bya do Estado do Rio de Janeiro*. Apesar de não tratar diretamente da produção de um livro didático, e muito menos voltado ao ensino de língua materna ou estrangeira, busco apresentar o caso pela maneira como se estabeleceram as relações entre os agentes emissores e receptores, como uma alternativa possível aos esquemas unilaterais apresentados.

DESIGN PARA COMUNIDADES ESPECÍFICAS

No litoral sul fluminense, região onde se situam os municípios de Angra dos Reis e Paraty, encontra-se uma área com diversas belezas naturais, numa paisagem cheia de contrastes, situada entre a serra e o mar. Também conhecida como Costa Verde, a região contrasta os resquícios de mata atlântica com praias e ilhas, criando um cenário único dentro do qual se localizam algumas áreas de proteção ambiental. Neste ambiente que atrai turistas pelas atrações históricas e naturais, também é possível encontrar quatro aldeias indígenas guaranis, embora muitas pessoas desconheçam sua existência.



Figura 1- Aldeia guarani em Paraty Mirim, município de Paraty

Entre os indígenas que habitam estas aldeias há um grupo constituído de agentes de saúde. Estes agentes de saúde guaranis são os representantes da medicina *jurua* (termo relativo ao **homem branco**) nas aldeias. Recrutados e treinados pela Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) os agentes de saúde são responsáveis pelo acompanhamento periódico dos indígenas, pelo auxílio aos médicos em suas visitas às aldeias e, em casos de emergência, são eles que coordenam o socorro e o contato com as equipes médicas, impossibilitadas de permanecerem nas aldeias em tempo integral.

Os agentes de saúde guaranis em questão participaram da primeira turma do Projeto de Escolarização dos Agentes de Saúde, organizado pela FUNASA em parceria

com a UFF, UERJ e UFRJ. O projeto, constituído como curso de Escolarização de Jovens e Adultos diferenciado, seguindo os parâmetros do MEC da educação diferenciada, busca desenvolver as competências relativas ao ensino fundamental pela perspectiva do diálogo e da valorização dos saberes e tradições dos indígenas. Entre os alunos do curso, além dos agentes de saúde, também se encontravam alguns professores indígenas, com o objetivo de promover trocas sobre saúde e auxiliar os agentes de saúde em suas dificuldades com os conteúdos escolares.

Em decorrência de meu envolvimento com o curso, enquanto observador convidado, também fui convidado a participar da produção de uma publicação voltada para esses agentes, que tratava da prevenção de Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis (DST) em setembro de 2005. A publicação foi uma iniciativa da Assessoria Estadual de DST/Aids, vinculada à Secretaria Estadual de Saúde do Estado do Rio de Janeiro (SES-RJ), como uma das estratégias educativas e preventivas nas aldeias guarani, para controle das DST e Aids.

O Álbum Seriado, como foi denominado pelas idealizadoras Jane Portella e Diana Marinho, surgiu como forma de consolidar os conhecimentos dos indígenas que participaram do treinamento de multiplicadores para a prevenção das DST/Aids realizado no ano de 2000. A necessidade foi percebida ao término do treinamento, durante o acompanhamento feito pela SES-RJ, quando foi constatado o interesse dos participantes pela criação de um material ao qual pudessem recorrer posteriormente. O Álbum Seriado seria uma publicação impressa a partir dos desenhos e depoimentos feitos ao longo do treinamento para prevenção das DST e Aids, e seu objetivo era servir aos agentes de saúde e professores indígenas como material de apoio para trabalhar o tema na comunidade.

Diante do processo de produção do álbum, deparei-me com dois desafios. O primeiro consistia em tentar minimizar o impacto cultural do livro como suporte estranho à tradição oral guarani. Este desafio parte da noção de que o livro é um objeto relativamente novo na cultura guarani, considerando que a escola diferenciada é uma experiência ainda muito recente, e que muitas das experiências educacionais anteriores a esse modelo de ensino mostraram-se traumáticas, ineficientes e desrespeitosas ao modo de ser guarani. Portanto, diante destas experiências, poucos adultos da aldeia dominavam a leitura e utilizam o livro em suas práticas cotidianas.

O segundo desafio consistia em tentar promover a identificação do público com o material impresso, considerando as formas de leitura guaranis. Nesse caso, seria

necessário tentar observar as formas de leitura, não uma leitura guarani propriamente dita, mas tentar compreender como se caracteriza a leitura dentro do grupo em foco e, a partir daí, propor um objeto que dialogasse com essas formas de leitura e com a cultura e tradição guarani.

O pressuposto que assumo ao propor a observação das formas de leitura do grupo é de que a leitura não é apenas uma ação, mas uma prática sócio-cultural. Como tal, pode assumir diversas formas, de acordo com os contextos em que se insere enquanto prática. Essa noção parte das idéias do historiador Roger Chartier (1999), que explica que as práticas de leitura variam de acordo com indivíduos, grupos e instituições, e que sofrem influência de diversos agentes mediadores em diferentes esferas. Assim, o autor destaca a importância de se observar a diversidade que essas formas de leitura podem assumir dentro das diversas comunidades de leitores.

Diante dos desafios estabelecidos, a concepção do Álbum Seriado começou com o entendimento do contexto em que este objeto iria se inserir. Conforme foi mencionado, a SES/RJ já havia realizado um curso sobre a prevenção de Aids e DST, diante do qual os participantes discutiram e expressaram suas opiniões através de desenhos sobre as formas de prevenção e transmissão. Simultaneamente à concepção do Álbum, a Secretaria de Saúde também concluía uma oficina de vídeos sobre o tema, que mobilizou os participantes no desenvolvimento de dois roteiros para vídeos, sendo um voltado para o público feminino e o outro para o público masculino.

Com o objetivo de me inteirar melhor sobre o contexto de inserção do Álbum Seriado, tendo em vista a superação dos desafios identificados, associei a observação da sala de aula e os diálogos entre os emissores e receptores e a análise sobre a produção dos alunos, expressa pelos desenhos e pelos vídeos.

Com o conhecimento das profissionais de saúde, sua familiaridade com os indígenas e com o seu campo de atuação, somou-se também minha experiência como designer que foi a campo observar as formas de leitura. Entre algumas das conclusões que contribuíram para a forma de abordagem para o material impresso está a compreensão de que a leitura entre este grupo de guaranis ganhava força quando realizada em âmbito coletivo, qualificando-se enquanto leitura oralizada, tal como apresentada por Martín-Barbero (2001). Também observei nas relações de sala de aula e entre a SES/RJ e os agentes de saúde guaranis a importância do diálogo. Um objeto comunicacional bem sucedido deveria ser construído não para favorecer um discurso apenas, mas considera os pontos de contato entre as duas culturas, guarani e *jurua*.

Portanto, não deveríamos propor a constituição de um objeto guarani, nem juruá, mas um objeto híbrido que, segundo a noção de Canclini (1995), é algo constituído em um processo de montagem multinacional e pressupõe a negociação flexível entre as partes.

Com a observação do campo, foi possível compreender que a abordagem do Álbum deveria se aproximar desta perspectiva da leitura oralizada privilegiando as formas narrativas, recursos tradicionalmente utilizados pelos indígenas para ensinar. Assim, definimos que o álbum deveria apresentar, principalmente, as imagens criadas pelos agentes, de maneira a resgatar os principais temas relacionados à sua visão acerca da prevenção das DST e Aids. O texto escrito serviria apenas como uma pequena introdução para o assunto, com as informações sintéticas a fim de estimular a prática oral. Contudo, o discurso dos indígenas seria acrescido da perspectiva da Secretaria de Saúde, de maneira a complementar as informações não contempladas pelo discurso dos agentes de saúde. Mas como definir os principais temas? Para isso, analisamos o material produzido pelos agentes de saúde: os desenhos e o vídeo.

A observação do material produzido pelos agentes de saúde, tanto nos desenhos quanto nos vídeos, foi de extrema importância para a organização do Álbum Seriado. A partir da análise deste material observamos as recorrências de algumas temáticas, e começamos a atentar para os discursos constituídos entre os indígenas sobre as formas de prevenção e transmissão das DST/Aids. A equipe, formada pelo designer Romulo Matteoni, pelas profissionais da área de saúde Jane Portella e Diana Marinho e por mim, elaborou um roteiro temático que contemplava os principais elementos identificados nos discursos acerca do tema. Entre algumas conclusões oriundas da análise do material, notamos a importância dada ao discurso da manutenção das tradições como forma de prevenção, e a bebida alcoólica como fator que expõe os indígenas ao risco de contaminação.



Figura 2 - Desenho esquemático de um dos agentes de saúde, apresentado a dualidade aldeia/cidade.

As imagens observadas chamaram atenção pela forma esquemática como apresentavam as informações. Com pequenas inserções de texto, muitas das imagens traziam consigo características narrativas, onde se observava a saída da aldeia para a cidade para a venda do artesanato. Chegando na cidade, o cenário encontrado era de extremo risco, por isso era importante valorizar a vida na aldeia seguindo as tradições. Nas representações, enquanto a aldeia era local de harmonia onde se celebravam as tradições guaranis (na parte superior da Figura 4), a cidade era sempre representada como local caótico e de risco, onde os indígenas poderiam se contaminar.

O vídeo observado na época foi aquele direcionado ao público feminino, visto que o vídeo do público masculino não estava pronto. Neste vídeo era apresentada uma série de situações, que mostrava a ida para cidade para venda do artesanato, os perigos com a bebida alcoólica, as formas de contaminação e o namoro dentro da tradição como exemplo de prevenção.



Figura 3 - Oficina de roteiro realizada pelas mulheres para vídeo de prevenção de DST/Aids

A partir destas informações, a equipe constituiu um roteiro para o álbum que abordava os seguintes temas:

1. A vida na aldeia
2. A saída para a cidade
3. Armadilhas da cidade
4. A bebida alcoólica
5. Formas de transmissão
6. Cuidados com a saúde
7. Cuidados com a gestante
8. Manutenção das tradições como forma de prevenção

Somente após o estabelecimento do roteiro temático, e havendo uma compreensão sobre quem seriam os leitores do material é que foi possível determinar os aspectos formais do impresso. Visando à exposição oral, optamos por privilegiar o uso da imagem num formato horizontal tamanho A3 (420 x 297 mm). Esta opção deveria permitir que a imagem ficasse clara enquanto o agente de saúde pudesse falar sobre o assunto e utilizar o desenho para ilustrar as situações de risco.



Figura 4 - Página do álbum falando sobre a saída para cidade

A composição das páginas foi pensada para destacar a imagem em primeiro lugar. O texto em Guarani é o próximo da hierarquia, em fonte de corpo maior e utilizando apenas letras maiúsculas, seguido pelo texto em Português. A escolha pelas letras maiúsculas se deu pelo objetivo de minimizar a dificuldade de leitura em relação às variações maiúsculas e minúsculas de cada caractere.

Estrutura da página:



Gráfico 3 - Estrutura da hierarquia da página

As imagens foram editadas para se adequarem aos conteúdos temáticos, pois como muitos conteúdos eram apresentados simultaneamente, optamos por ordená-los por temas. Os textos escritos em português foram adaptados para a língua guarani por um tradutor nativo, que também adaptou a linguagem. Dessa maneira o texto em português, que se apresenta numa linguagem mais rebuscada, serve apenas como referência, principalmente aos não indígenas, enquanto o texto em guarani se aproxima do registro oral da língua.

LIVRO DIDÁTICO: RELAÇÃO DE MEDIAÇÕES

Ao observar a forma de produção do Álbum seriado, destacamos a maneira como diferentes atores interagiram para a construção de um objeto comum. A interação observada foi de caráter dialógico, onde os atores influenciaram uns aos outros para a construção do objeto. Esta forma de trabalho se aproxima de uma outra perspectiva, que atualiza o modelo clássico emissor-receptor para um modelo que contempla a influência de ambos os interlocutores.

Modelo de produção do **Álbum Seriado**



Gráfico 4 - Diagrama do modelo de produção do Álbum Seriado

Diante desta abordagem, consideramos que o projeto procurou contemplar as características do grupo, suas práticas de transmissão de conhecimento e suas visões sobre o sexo e as doenças sexualmente transmissíveis. Neste sentido, observamos que embora o Álbum Seriado parta das imagens e dos roteiros produzidos pelos guaranis, ele não pode ser considerado um objeto guarani. Não por ser um objeto estranho à

cultura tradicional guarani, mas pelos conhecimentos apresentados terem sido desenvolvidos em conjunto com os juruá. Contudo, também não podemos considerar o Álbum um produto juruá, por considerar que tanto a forma como o conteúdo foram profundamente influenciados pela perspectiva guarani. Temos, portanto, um produto que representa o diálogo entre três grupos envolvidos.

Ao grupo das idealizadoras, formado pelas representantes SES/RJ e Fiocruz, coube a co-autoria, organização, concepção, viabilização, produção, financiamento e distribuição do Álbum. Entretanto, o grupo também cumpre o papel de educador, tendo sido responsável pelo curso em que permitiu a criação dos desenhos e roteiros que compuseram o Álbum. As principais preocupações neste trabalho foram em relação à precisão dos conteúdos e seu aprendizado.

Os leitores constituíram um grupo composto majoritariamente pelos agentes de saúde Guarani. Além de constituírem o público leitor, assumiram também o papel de co-autores e ilustradores, na medida em que definiram o roteiro do filme que serviu de referência para o Álbum e os desenhos que o ilustraram. A preocupação principal como leitores foi a aquisição de um material de consulta sobre o tema, e como autores, o objetivo foi contextualizar a questão da Aids e DST numa representação guarani.

Em terceiro, temos o grupo dos designers, que atuaram no projeto gráfico, na organização das informações, nas especificações técnicas e no tratamento dos desenhos e imagens. A preocupação principal foi enquanto forma e visualidade do Álbum de modo a atender as necessidades das idealizadoras e dos leitores.

Diante da situação apresentada, observamos todos os agentes envolvidos como co-autores. Neste modelo, não faz sentido enunciar quem é emissor ou receptor, pois são todos interlocutores. Assim, um novo modelo se apresenta, situando a importância destes grupos como agentes mediadores da leitura juntamente com a mediação exercida pela linguagem, o suporte e os quadros referenciais dos agentes envolvidos.

Também na produção do livro didático, estas variáveis devem ser consideradas ao longo do processo, o que aponta para uma reformulação da produção do livro didático.

Modelo de produção: mediações



Gráfico 5 -- Modelo de produção do livro didático contemplando as mediações

Para que não apenas o designer, como os demais agentes envolvidos na produção, circulação e consumo do livro didático estejam cientes dos múltiplos papéis e as múltiplas autorias envolvidas nas diversas etapas, é preciso que haja uma relação dialógica, para que os livros sejam desenvolvidos seguindo parâmetros reais e não para atender leitores imaginários.

Especificamente no caso do livro didático, é preciso chamar atenção de que este livro atende a uma demanda específica, pois no contexto educacional ele se torna uma ferramenta de aprendizado. Por esse motivo, não deve ser tratado como um livro qualquer destinado a leitores invisíveis ou imaginários. Embora alguns aspectos já tenham mudado com a implementação da avaliação do PNLD, é importante ressaltar que há muito descuido com os aspectos relativos à materialidade destes livros, que quase não são contemplados nos questionários de avaliação. O sistema, tal como se apresenta, dá margem para a possibilidade de que livros com excelentes conteúdos sejam apresentados em livros mal-formatados, ilegíveis, confusos, com encadernações que possam machucar os alunos que escrevem no livro, isso sem mencionar a avaliação dos conteúdos das imagens empregadas em relação ao texto, muitas vezes empregadas sem critério ou contextualização.

Entendo que, pela importância que os designers do livro têm enquanto mediadores da leitura, duas posturas devam ser revistas. Uma diz respeito ao acréscimo de novas categorias na avaliação dos livros didáticos que digam respeito à forma e às imagens do livro. É importante que estes profissionais também participem deste

processo de avaliação, seja contribuindo através de pesquisas, da formulação de parâmetros de avaliação, ou até como avaliadores.

A segunda postura que deve ser revista é o próprio processo de produção do livro, que segue um modelo antiquado quase como o sistema de produção industrial de linha de montagem, onde cada operário desconhece o trabalho do setor ao lado, e menos ainda do processo como um todo. Pelo caso exemplar, apesar de não tratar de um livro didático e nem da lógica de produção massificada das grandes editoras, observamos que os designers, assim como outros profissionais, puderam contribuir mais ao projeto estando envolvidos desde o início, e não nas vésperas de publicação, como é a praxe no mercado. Nesse sentido é necessário um esforço conjunto, pelas editoras, escolas, universidades, associações de designers, ilustradores, escritores, livreiros e demais profissionais envolvidos para que se mobilizem e possam promover o diálogo acerca do livro didático, e torná-lo um objeto verdadeiramente híbrido, que atenda ao interesse comum.

REFERÊNCIAS

- Canclini, N. (2001). *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Carvalho, R. A. P. (2007). *Livro de Guarani feito por Juruá: Reflexões acerca do design do livro e da leitura a partir da escolarização dos agentes de saúde Guarani*. Dissertação de mestrado inédita, PUC-Rio.
- Chartier, R. (1999). *A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas nos séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- _____. (org.) (1996). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Hendel, R. (2006). *O design do livro*. 2ª Ed. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Martín-Barbero, J. (2001). *Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

O AUTOR

Ricardo Artur Pereira de Carvalho é Mestre em Design, atua como designer gráfico e webdesigner, além de participar como pesquisador no Núcleo de Estudos do Design da Leitura da PUC-Rio em trabalhos com o foco em Design na Leitura, especificamente em questões relacionadas ao impacto social da atuação do Designer e na investigação das relações entre Design e culturas indígenas. E-mail: ricardoartur@hotmail.com.

Nota:

¹ A psicologia, ou teoria da Gestalt surge no começo do século 20 através dos estudos de Max Wertheimer e seus assistentes, Wolfgang Köhler e Kurt Kofka. Ela trata principalmente da percepção a partir da proposição de que a mente opera por “Gestalt” (termo alemão que pode ser entendido como “totalidade”, “global”, etc.) Ou seja, a compreensão se dá pela percepção da totalidade e não das partes isoladas.